# Um debate sobre privacidade e segurança a partir dos vazamentos de Snowden - 15/11/2021

\_Trata da promiscuidade e ambivalência no ecossistema tripartite do Big Data,  
que envolve instituições, empresas e academia\_[i]  
  
\*\*Introdução\*\*. Na introdução do artigo, van Dijck recapitula o vazamento de  
Snowden, em 2013, que relata práticas de espionagem da Agência Nacional de  
Segurança dos Estados Unidos no Facebook, Google, Apple, etc., ocasião em que  
se mostrava ao mundo que seus agentes tinham acesso aos dados dos cidadãos de  
forma integral. Isso já se revelava pela máxima: “Confiamos em Deus, todos os  
outros, nós monitoramos” e, então, ficava claro que nossas informações  
pessoais têm seus metadados compartilhados pelas corporações de redes sociais  
com agências de inteligência ou comercializados com terceiros, o que significa  
exposição da privacidade em troca de serviços gratuitos.  
  
Para van Dijck, a tolerância das pessoas com tal prática se daria devido à  
difusão da datificação como novo paradigma científico e social[ii].  
Entretanto, van Dijck visa desconstruir as bases ideológicas dessa prática que  
vem se difundindo na academia e entre os adeptos da tecnologia como  
oportunidade de investigar o comportamento humano. Incomoda van Dijck a  
\_crença\_ na quantificação objetiva que, apesar de exemplos convincentes do Big  
Data, também envolve a \_confiança\_ nos agentes institucionais que manipulam  
tais (meta)dados.  
  
Essas noções de crença e confiança são particularmente problemáticas para van  
Dijck pois os documentos de Snowden já mostravam que as pessoas têm fé nas  
regras que os agentes se guiam para executar a vigilância dos dados, quando na  
verdade a NSA costuma desobedecer a decisões judiciais e testar limites legais  
sobre a invasão de privacidade. Tudo isso mostra uma confusão nas premissas  
ideológicas do dataísmo[iii] colocando a credibilidade do ecossistema em xeque  
e a pergunta que van Dijck faz sobre qual atitude crítica tomar perante esse  
cenário.  
  
\*\*Datificação e “mineração da vida” como um novo paradigma científico.\*\* Foi o  
advento da Web 2.0 e redes sociais como Facebook, Twitter, LinkedIn e Youtube,  
que fizeram da datificação um paradigma, na medida que permite codificação de  
comportamentos sociais que, quantificados em metadados, se tornam recursos  
valiosos. Ressalta van Dijck que o Big Data surge como “santo graal do  
conhecimento comportamental”, como se pode notar quando o Twitter, se passando  
por plataforma neutra, traz a espontaneidade dos “trends” como termômetros de  
emoções e reações sociais, ainda que baseados em hashtags e algoritmos. Para  
os \_cientistas da informação\_ , a mídia social ecoa pegadas naturais que veem  
o Twitter como detector de sentimentos que promete ser mais confiável que  
entrevistas ou levantamentos tradicionais, embora se tenha em conta os vieses  
da representatividade dos dados lá coletados ou mesmo o favorecimento de  
usuários influentes.\*\*\*\*  
  
Além disso, os entusiastas da datificação também ressaltam os padrões que são  
gerados nas plataformas que, através de likes do Facebook, permitem predizer  
comportamentos como orientação sexual e valores religiosos que ajudariam em  
analises psicológicas e recomendação de produtos, além de aperfeiçoar seus  
próprios serviços. Porém, importa registrar tudo para prever planos futuros, a  
chamada “mineração da vida” (life mining) que gera conhecimentos úteis para  
serviços de inteligência policial, isto é, vigilância, e também marketing.  
Contudo, parece-se ignorar comportamentos como manipulação por robôs e / ou as  
chamadas estratégias de monetização pelos algoritmos de recomendação que vão  
de encontro à dita neutralidade. É aí que van Dijck mostra que a datificação  
se apoia em pressupostos de normas sociais dominantes, por uma permuta de  
informações pessoais por serviços e abrindo mão da privacidade. Tudo isso  
serve de ativo que é processado fora de contexto para serem vendidos pelas  
plataformas e, chancelado pela ANS, deixa claro o papel ideológico em um  
inextricável nó entre sociabilidade, pesquisa e comércio.  
  
\*\*Dataísmo: desvendando as bases ideológicas da datificação.\*\* Conforme van  
Dijck, a racionalidade da mineração de dados se assenta em duas pressuposições  
ontológicas e epistemológicas: a crença na objetividade da quantificação do  
comportamento humano e na sua predição em cima de (meta)dados. Sobre o  
primeiro ponto, as pilhas de (meta)dados são tudo, menos objetivas, já que por  
trás de “likes” e \_trending topics\_ há algoritmos subjacentes que calculam  
valores sociais. Ora, os dados brutos então é que são minerados para se  
extrair algo e, como podem ser ruins, incompletos ou insuficientes, acabam  
sendo guiados por questões delimitadas. Ou seja, há questões de fundo que  
formam um quadro interpretativo que prefigura a análise dos dados e, daí,  
geram um padrão preditivo[iv].  
  
Há de se perguntar sobre por que buscar determinados padrões nas bases de  
(meta)dados, com quais objetivos e interesses? Milhares de postagens de mães  
jovens no Facebook podem ser investigados sobre um prisma comportamental  
(hábitos alimentares), médico (depressão pós-parto) ou de consumo (produtos  
para bebê), por exemplo. Conforme van Dijck:  
  
“Os métodos quantitativos requerem firme questionamento qualitativo para  
contestar a alegação de que os padrões de dados são fenômenos naturais. A  
pesquisa de Big Data sempre envolve um (sem trocadilho) prisma explícito.”  
  
Ou seja, dados brutos minerados pelo Big Data poderiam tomar outras visões se  
por um enfoque das ciências humanas ou sociais: há perspectivas diferentes  
entre médicos e criminologistas. Mas é nessa retórica dos dados que a lógica  
dataísta pretende convencer, de que os dados estariam fora de estrutura  
predefinidas, sem objetivos prévios ou por mero interesse no comportamento  
humano. Isso posto, há que se explicitar tais prerrogativas se se deseja a  
confiança no paradigma da datificação.  
  
\*\*Dataísmo e confiança nas instituições.\*\* Com o aumento de atividades online  
todo o ecossistema necessita da confiança dos usuários, mas sua integridade,  
segundo as plataformas, deveria estar a cargo das agências de governo que  
deveriam zelar pela privacidade. Se os autores de Big Data clamam por  
auditores de governança, chamados “algoritmistas”, a academia também pede  
transparência das agências. Fica claro, então, a distinção de papel de cada  
ator na busca por confiança e credibilidade embora, conforme os arquivos de  
Snowden mostraram, muitas vezes instituição de coleta se misturem com agências  
reguladoras. Na verdade, tanto o meio corporativo, quanto o acadêmico e  
estatal desejam acesso aos dados e manutenção do paradigma da datificação,  
posto as promessas de predição do comportamento. Mas, mostra-se que academia e  
setor público usufruem dos dados coletados das plataformas, que se dizem mais  
eficientes e capazes de antecipar as tendências. Além disso, a forte  
intercâmbio de técnicos entre NSA e Vale do Silício, por exemplo, com  
desenvolvimento conjunto de tecnologia, embora um buscando inteligência e  
outro dinheiro, mas muitas vezes convergindo, os três setores, no uso de  
ferramentas.  
  
Pois bem, a doção do dataísmo traz uma crença na proteção dos dados dos  
usuários, mas também confiança na independência entre plataformas, agências e  
pesquisadores. Porém, aí reside o conflito, já que o ecossistema está todo  
conectado, seja na infraestrutura como na lógica operacional. A credibilidade  
se coloca em risco devido ao monumental fluxo de dados (e-mails, vídeos,  
texto, som e metadados) que extrapola territórios e se digladia em zonas de  
acesso e restrições, levando ao questionamento dos usuários-cidadãos sobre as  
interrelações entre empresas e governo, levando a debates políticos e  
confrontos judiciais. É essa agregação problemática entre a confiança  
institucional e as premissas da datificação que van Dijck enfatiza, somando-se  
ainda o interesse relevante na data vigilância.  
  
\*\*Data vigilância e a luta por credibilidade.\*\* Data vigilância significa  
monitoramento contínuo de dados com sérias consequências no contrato social  
entre empresas e governo, bem como envolvendo os cidadãos consumidores. Ora, a  
questão data vigilância como fator de risco na confiança do ecossistema se  
colocou depois do vazamento de Snowden, quando surpreendentemente as  
plataformas (Google, Facebook, Yahoo e Microsoft) processaram a NSA por  
colocar em risco a privacidade das pessoas em troca de sua proteção.  
  
Mas é ambivalência que está na base da relação das plataformas com as  
agências. Depois do 11 de setembro e a Lei Patriótica, as empresas se submente  
ao governo diminuindo a confiança do público nas estratégias de data  
vigilância. Por outro lado, as empresas, ao mesmo tempo que pedem mais leis,  
acusam o governo de regulamentação excessiva. Ambivalência que se mostra em  
uma suposta relação de transparência entre empresas e usuários: se elas apelam  
pelo compartilhamento de dados, não devolvem transparência, além de  
constantemente atualizarem seus Termos de Uso sobre políticas de privacidade,  
que levam a acionamentos de grupo de defesa de consumidores. E a ambivalência  
também ocorre dentro do governo, já que as agências de inteligência têm  
interesses contraditórios com os órgãos reguladores, o que dificulta ainda  
mais a confiança no ecossistema e na relação privacidade-segurança.  
  
Contudo, van Dijck aponta que a responsabilidade por manter a credibilidade do  
sistema vem da academia, mostrando que o paradigma de datificação não é neutro  
e evitando aceitação acrítica de suas premissas ideológicas e comerciais. Se  
já foi mostrado aqui os vieses e indagações, van Dijck sugere uma investigação  
do método cientifico que traga abordagens computacionais, etnográficas e  
estatísticas para verificabilidade das análises preditivas. São os acadêmicos  
que precisam passar em revista as questões epistemológicas e ontológicas, já  
que podem arbitrar, sobre fatos e opiniões, conforme a referência que van  
Dijck faz a Bruno Latour.  
  
Por fim, van Dijck salienta que foram as ações inescrupulosas de Snowden que  
desencadearam o debate sobre data vigilância, mostrando a força de uma “agente  
bomba” que abalou o complexo de forças estatal-industrial-acadêmico, que  
mostraram as falhas estruturais do ecossistema, a incapacidade dos usuários  
frente a complexidade do sistema e ao novo paradigma de sociabilidade.  
Entretanto, a despeito da maioria dos estadunidenses ainda acreditam que os  
dados são usados para fins outros que a luta contra o terrorismo, a  
dataficação com paradigma neutro e data vigilância normalizada como prática de  
monitoramento social faz com que esses temas ainda devam ser esclarecidos  
perante à sociedade.  
  
\* \* \*  
  
[i] Conforme Dijck, J. van. (2017). \_Confiamos nos dados? As implicações da  
datificação para o monitoramento social\_. MATRIZes, 11(1), 39-59.  
[https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i1p39-59](https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i1p39-59).  
Abstrai-se na resenha todas as referências, para tal deve-se buscar o  
original.  
  
[ii] O termo “datafication” foi cunhado por Mayer-Schoenberger e Cukier, em  
2013, para se referirem à transformação da ação social em dados que podem ser  
quantificados e usados em tempo real ou para fazer predições sobre o  
comportamento humano. Já tratamos do tema em uma reflexão anterior a partir do  
\_Lab404\_ , aqui: [https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2021/10/dataficacao-  
da-vida.html](https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2021/10/dataficacao-da-  
vida.html), porém como dataficação e não datificação.  
  
[iii] No artigo o autor usa indistintamente datificação e dataísmo. O último,  
entendemos, estaria mais ligado a Yuval Harari.  
  
[iv] Por exemplo, acompanhar o comportamento de determinados grupos em  
situações específicas para prever situações de compra que são repassadas aos  
anunciantes.